

ESTE UNIVERSO NÃO É MEU: SOU EU.

INÊS VALLE, 2015

Hoje deambula-se no fugaz. Corre-se sem respirar. Busca-se sem parar. Vive-se uma vida de cegos e surdos, numa vivência sem alma ou cor para o inspirar, olhar, sentir e apreender o circundante. De que vale sobreviver-se numa sociedade que dita regras de destruição? Onde o 'outro' se torna mais alienígena quando se tenta aproximar? Faz falta falar da alma, faz falta sair do estado dormente e redescobrir o nosso além mar.

Dias de nada – *Underrated* sugere tempo numa pausa entre tempos do agora, onde o já é agarrado em pormenores despercebidos ou esquecidos dos nossos dia-a-dias. É um alerta para o estado da nossa sociedade veloz, que instiga jogos de poder em vez de cooperação. Estas são imagens captadas entre Lisboa e Nova Iorque num período de grande instabilidade, onde os alicerces sociais foram abalados pela crise económica, derrubando sonhos e vontades de triunfo. Tiago da Cunha Ferreira tem a audácia de mostrar o quão disjuntos vivemos, através dos que ocupam a cidade. Pessoas exaustas, indiferentes, abandonadas, sobrevivendo entorpecidas ou vagueando em piloto automático. Quantos foram os de nós que 'desligaram' o telemóvel e tiveram uma conversa aprazível com a pessoa sentada ao lado? Hoje isto é raro. Infelizmente, agora as relações humanas experienciam-se mais através de tecnologias. Já Slavoj Žižek criticou o mercado de produtos eróticos quando este propagandeou o seu último produto, que oferecia nos mais distintos formatos um toque mais real¹. Será que o medo do outro se tornou tão violento que se perdeu o desejo do estar e partilhar?

Apesar de todas as atrocidades e advertências de se sobreviver num subterrâneo forçado por esta máquina consumo-imperialista, todos nós ocasionalmente ainda imaginamos o que será a felicidade. Assim, estas imagens de Tiago da Cunha Ferreira sugerem-nos também histórias de persistência e vontades de viver, impelindo-nos a imaginar o que irá suceder no momento seguinte. Para onde essas pessoas irão, por quem esperam, para onde olharão? Mas mais importante, o que será que as fez ou fará despertar para sair da inércia que contagiou a sociedade ocidental? Como é que vamos deixar de ser o miserável leão exótico enclausurado para voltarmos à nossa plenitude?

INÊS VALLE | CURADORA INDEPENDENTE

Possui Licenciatura em Artes Visuais e Mestrado em Estudos Curatoriais pela FBAUL, tendo desenvolvido a sua dissertação de mestrado sobre arte contemporânea ativista na Austrália. Colabora como crítica de arte na revista *Artecapital* e como consultor de curadoria na Tafeta - instituição especializada em Arte Moderna e Contemporânea Africana. Tem colaborado com diversos artistas, curadores e instituições artísticas, como Centro Cultural de Belém em Portugal ou o Canberra Contemporary Art Space na Austrália. Tendo organizado projetos que operam como plataformas discursivas críticas que incidem sobre relações de poder entre a política, a sociedade e a prática artística. Dos seus últimos projetos pode-se destacar: **"Good Morning in Torba"** (Turquia); **"God Factor"** no Mosteiro de Tibães (Braga); **"Art Stabs Power: que se vayan todos!"** na Plataforma Revólver (Lisboa, apoio da Fundação Calouste Gulbenkian) e em Bermondsey Project (Londres, o apoio da CRISIS); **"Gently I press the trigger"** em Paris (França) em Ramallah (Palestina) ou o projeto colaborativo **Whose Centenary?** (Nigéria).

Neste momento encontra-se a trabalhar com fotógrafo indiano Pablo Bartholomew no projeto **"The Indian Émigrés"**, que será apresentado no Museu Oriente em Lisboa e paralelamente em diversas exposições, como **"Before Before Now Now"** que será apresentada no espaço Mira ou na II Afiriperforma Biennial na Nigéria [2015] da qual será curadora.

¹ Žižek, Slavoj. 'In the future we'll outsource sex' in, Is romance dead?, The guardian, 2013.